

CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL  
**Projetos educacionais / Tecnologias da Informação  
e Comunicação (TICs) – um novo tempo de ensinar**

10 de abril de 2014

## **Por um currículo acessível a todos os alunos com apoio das tecnologias digitais**

*\* Mary Grace Pereira Andrioli*

Dada a presença das tecnologias digitais em nosso cotidiano e o sentido que ela tem feito em nossas vidas, sabemos que não há como questionar a necessidade de trazê-las para o currículo escolar. O grande desafio ainda é planejar ações efetivas que contribuam para aliar tecnologia à qualidade educativa, tornando o currículo mais acessível à realidade de todos os alunos e não de uma minoria.

Assim, simplesmente levar as tecnologias até a escola seria desnecessário, uma vez que, mais cedo ou mais tarde, os alunos conseguem acessar estes recursos. O que, inclusive, tem ocorrido inicialmente pela mesma porta de entrada que a televisão tem ocupado nos últimos anos em nossas residências ou casas de amigos e parentes: a do entretenimento.

Dessa forma, temos hoje o mesmo desafio que a educação, de modo geral, apresenta: **a qualidade do trabalho pedagógico**. E se o nosso foco é a qualidade, há uma inversão bastante prejudicial quando esquecemos de que **é a tecnologia que tem de atender ao currículo e às necessidades de aprendizagem dos alunos e não o contrário**. Nosso raciocínio deve ter foco nos aspectos pedagógicos, ou seja, temos de partir do que queremos, dos nossos objetivos e não da escolha de uma ou outra tecnologia que, isoladamente, em nada pode contribuir com a ação pedagógica.

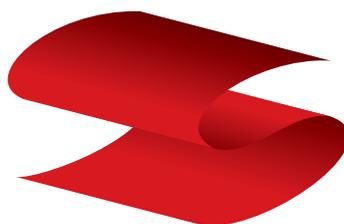
Considerando que a escola de hoje, aberta a todos, atende a uma diversidade de alunos e de necessidades, partir de objetivos pautados em nossas necessidades nos ajudará a usufruir o melhor que as tecnologias podem oferecer rumo a uma educação de qualidade, personalizada para os desafios de nosso tempo, de nossas escolas e salas de aula.

Utilizando recursos que integram diferentes formas de acesso e produção de conhecimento, como são os computadores, *notebooks*, *tablets* ou mesmo celulares de hoje, temos como trabalhar com diferentes “canais” de aprendizagem, atendendo à diversidade de alunos:

- o aluno pode produzir conhecimentos ou acessá-los por meio de voz, escrita, texto e imagens;
- professores podem adaptar materiais e planejar atividades para as diferentes necessidades dos alunos. Um aluno que não consegue utilizar um lápis e caderno no cotidiano, ou por limitações motoras ou por não enxergar, consegue utilizar o computador com recursos de acessibilidade;
- mais facilidade de trabalho colaborativo entre educadores e alunos: professores podem planejar e compartilhar aulas online e estratégias diferenciadas para seus alunos, facilitando o seu trabalho no dia a dia;
- a possibilidade de produzir atividades socialmente reconhecidas e que são realizadas fora da escola: criação de vídeos, *blogs*, *rádio web*;
- o trabalho com múltiplas linguagens e sentidos, facilitando a aprendizagem de todos os alunos. Um exemplo é o trabalho com vídeos, em que um aluno que não enxerga pode estar envolvido no roteiro e no áudio; um aluno surdo pode trabalhar com cenários, imagens e textos; um aluno com determinada dificuldade motora pode estar envolvido na concepção do vídeo, encenação ou mesmo organização dos cenários; e todos conseguem aprender ao mesmo tempo e de diferentes maneiras.

Em suma, o mais importante é pararmos para pensar sempre no que queremos, quais habilidades e competências pretendemos desenvolver a partir do trabalho pedagógico. A partir daí quais os melhores recursos e estratégias que precisaremos mobilizar pensando em nossas salas de aula como um todo e o quanto temos hoje facilidades que podem ajudar a tornar o currículo mais acessível à realidade de nossos alunos.

*\* Mary Grace Pereira Andrioli – pedagoga, mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP), doutoranda em Educação também pela USP, pós-graduada em Educação a distância (design instrucional para educação on-line) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Foi pesquisadora do Núcleo de Aprendizagem Trabalho e Entretenimento (Nate) do Laboratório de Sistemas Integrados (Escola Politécnica da USP) no projeto “Um computador por aluno” (UCA), é professora em programas de pós-graduação na Universidade Mackenzie e no Unasp, consultora do Ministério da Educação e cofundadora e diretora pedagógica no Instituto Paramitas.*



**SINPEEM**  
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM  
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP